



DIVINA VINGANÇA

ROBIN LA FEVERS

TRADUÇÃO EDMUNDO BARREIROS



TÍTULO ORIGINAL *Dark Triumph*

© 2013 by Robin LaFevers. Publicado com a autorização da Rights People, Londres.

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORIA-ASSISTENTE Marcia Alves

PREPARAÇÃO Isadora Prospero

REVISÃO Leonardo Ortiz e Luciana Gomide Varela

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Ana Solt

CAPA © 2012 Richard Jenkins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaFevers, Robin

Divina vingança / Robin LaFevers ; tradução Edmundo Barreiros.

-- São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2016. -- (O clã das freiras assassinas; 2)

Título original: Dark triumph

ISBN 978-85-7683-954-5

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

16-00641

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br

editoras@vreditoras.com.br

DRAMATIS PERSONAE

LADY SYBELLA, serva da Morte

ISMAE RIENNE, serva da Morte

ANNITH, uma noviça de Mortain

ETIENNE DE FROISSARD

ALAIN D'ALBRET, um nobre bretão com grandes domínios na França

PIERRE D'ALBRET, seu filho

JULIAN D'ALBRET, seu filho

CHARLOTTE D'ALBRET, sua filha de dez anos

LOUISE D'ALBRET, sua filha de sete anos

BERTRAND DE LUR, capitão da guarda de D'Albret

JAMETTE DE LUR, sua filha

TEPHANIE BLAINE, dama de companhia de Lady Sybella

MADAME FRANÇOISE DINAN, ex-governanta da duquesa

JEAN RIEUX, marechal da Bretanha e ex-tutor da duquesa

TILDE, uma criada

ODETTE, sua irmã mais jovem

BARÃO JULLIERS, um nobre bretão

BARÃO VIENNE, um nobre bretão

BARÃO IVES MATHURIN, um nobre bretão

BENEBIC DE WAROCH, Fera de Waroch e um cavaleiro do reino

YANNIC, o carcereiro

GUION, um fazendeiro bretão

BETTE, sua esposa

JACQUES, filho deles

ANTON, filho deles

Os carbonários

ERWAN, o líder

GRAELON

LAZARE

WINNOG

MALINA

A corte e a nobreza bretãs

ANNE, duquesa da Bretanha, condessa de Nantes, Monfort e Richmond

ISABEAU, sua irmã

DUQUE FRANCISCO II (falecido)

GAVRIEL DUVAL, um nobre bretão

JEAN DE CHALON, príncipe de Orange

MICHAULT THABOR, comandante da guarda da cidade de Rennes

CAPITÃO DUNOIS, capitão do exército bretão

PHILLIPE MONTAUBAN, chanceler da Bretanha

BISPO DE RENNES

CHARLES VIII, rei da França

ANNE DE BEAUJEU, regente da França

MAXIMILIANO DA ÁUSTRIA, o Sacro Imperador Romano,
um dos pretendentes de Anne

SIR DE BROSSE, cavaleiro

SIR LORRIL, cavaleiro

SIR LANNION, cavaleiro

SIR GAULTIER, cavaleiro

ABADESSA DE ST. MER

ABADESSA DE ST. BRIGANTIA

SAMSON, o filho de um ferreiro

CLAUDE, o filho de um lenhador

Capítulo Um

NANTES, BRETANHA, 1489

NÃO CHEGUEI AO CONVENTO de St. Mortain uma jovem verde. Quando me mandaram para lá, eu já contava três mortes, e tivera, além disso, dois amantes. Mesmo assim, havia coisas que puderam me ensinar: a irmã Serafina, a arte dos venenos; a irmã Thomine, como usar uma faca; e a irmã Arnette, o melhor lugar para atingir alguém com ela, mostrando todos os pontos vulneráveis do corpo de um homem do mesmo modo que um astrônomo mapeia as estrelas.

Se tivessem me ensinado a ver inocentes morrer tão bem quanto me ensinaram a matar, eu estaria muito mais preparada para o pesadelo no qual fui jogada.

Fiz uma pausa aos pés da escada para ver se estava sendo observada. A mulher da limpeza que esfregava o corredor de mármore, o pajem sonolento cochilando apoiado na porta – qualquer um deles podia ser um espião. Mesmo que nenhum dos dois tivesse recebido a ordem de me vigiar, alguém sempre estava disposto a entregar os outros na esperança de obter algumas migalhas de favor.

A cautela prevaleceu, e resolvi usar a escadaria sul, depois fazer a volta pelo corredor inferior e me aproximar da torre norte por aquele lado. Tomei muito cuidado para pisar exatamente onde a servente havia acabado de lavar, e a ouvi xingar baixinho. Bom. Agora podia ter certeza de que ela tinha me visto e não iria esquecer se fosse interrogada.

Havia menos criados no corredor inferior. Os que ainda não tinham sido expulsos estavam ocupados com suas tarefas ou escondidos como ratos sábios e espertos. Quando finalmente cheguei à ala norte do palácio,

ela estava vazia. Apressei o passo e corri na direção da torre norte, mas estava tão ocupada em olhar para trás que quase tropecei em uma figura pequena sentada ao pé da escada.

Contive uma bufada de irritação, olhei para baixo e vi que era uma criança. Uma menininha.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei bruscamente. Meus nervos já estavam extremamente tensos, e aquela nova preocupação não fez bem nenhum a eles. – Onde está sua mãe?

A menina olhou para mim com olhos que lembravam violetas úmidas e senti um nó de medo verdadeiro no estômago. Será que ninguém tinha pensado em avisá-la como era perigoso para uma criança bonita andar sozinha por aqueles corredores? Tive vontade de me abaixar e sacudi-la, sacudir sua mãe, e gritar que ela não estava em segurança, não naqueles degraus, não naquele castelo. Em vez disso, eu me forcei a respirar fundo.

– Mamãe morreu. – A voz da criança estava aguda e trêmula.

Olhei para a escada, onde estava minha principal obrigação, mas não podia deixar aquela menina ali.

– Qual o seu nome?

– Odette – disse ela, sem saber ao certo se devia ou não ter medo de mim.

– Bem, Odette, aqui não é lugar para brincar. Não tem ninguém que possa tomar conta de você?

– Minha irmã. Mas, quando ela está trabalhando, tenho que me esconder como se fosse um ratinho.

Pelo menos a irmã dela não era nenhuma tola.

– Mas este não é um bom lugar para se esconder, é? Veja como eu a encontrei com facilidade!

Pela primeira vez, a menina me deu um sorriso tímido, e naquele momento me lembrou tanto minha irmã mais nova, Louise, que quase perdi o fôlego. Pensando rápido, peguei-a pela mão e a levei de volta ao corredor principal.

Corra, corra, corra; eu sentia as palavras em meus calcanhares como um cachorro latindo.

– Está vendo aquela porta? – Ela concordou com a cabeça, olhando para mim com desconfiança. – Entre por ela e desça as escadas. Lá embaixo fica a capela, que é um lugar excelente para se esconder. – E como D’Albret e seus homens nunca visitavam a capela, ela ficaria razoavelmente em segurança.

– Quem é a sua irmã?

– Tilde.

– Muito bem. Vou dizer a Tilde onde você está para que ela possa buscá-la quando terminar o trabalho.

– Obrigada – disse Odette, em seguida saiu apressada pelo corredor. Eu queria acompanhá-la pessoalmente, mas já tinha arriscado me atrasar demais para o que devia fazer.

Voltei e subi as escadas dois degraus de cada vez. A porta grossa de madeira no topo tinha uma trava nova, dura pela falta de uso. Eu a ergui lentamente para me assegurar de que não iria ranger em alarme.

Quando saí no sol frio de inverno, um vento gelado soprou meus cabelos e os soltou da rede que os prendia no lugar. Toda minha cautela tinha me custado um tempo precioso, e rezei para não ter chegado lá em cima apenas para ver aqueles que amava massacrados.

Corri até as ameias da muralha e olhei para o campo abaixo. Um pequeno grupo de cavaleiros montados aguardava pacientemente enquanto um grupo ainda menor se reunia com aquele asno zurrador, o marechal Rieux. Reconheci a duquesa imediatamente, sua figura bonita e delicada apumada em seu palafrém tordilho. Ela parecia absurdamente diminuta, pequena demais para carregar o destino de nosso reino em seus ombros magros. O fato de ter conseguido impedir uma invasão francesa por tanto tempo era impressionante. E tê-lo feito apesar da traição de metade de seus conselheiros era algo próximo de um milagre.

Atrás dela e à direita estava Ismae, minha irmã de coração – talvez de sangue, se o que as irmãs do convento nos contaram fosse verdade. Meu pulso se acelerou, mas não sabia se pela alegria de não ter chegado tarde demais ou de pânico pelo que sabia que iria acontecer.

Com o olhar fixo em Ismae, reuni todos os meus medos e temores e os lancei em sua direção, como pedras de uma catapulta.

Ela sequer olhou de relance em minha direção.

Das profundezas do castelo, vindo do leste, se ergueu um ronco suave quando o portão foi erguido. Dessa vez, quando lancei meu aviso, agitei os braços também, como se estivesse espantando um bando de patos. Esperava, rezava, para que ainda existisse alguma ligação entre nós que permitisse a ela me sentir.

Mas seus olhos permaneceram fixos na duquesa à sua frente, e quase gritei de frustração. *Fujam*, gritava minha mente. *É uma armadilha*. Então, quando eu temia ter de me jogar das muralhas para chamar sua atenção, Ismae ergueu o rosto. *Fujam*, implorei, tornando a agitar os braços.

Funcionou. Ela desviou os olhos de mim para o portão leste, depois virou para gritar algo para o soldado ao seu lado, e eu relaxei de alívio.

O pequeno grupo no campo ganhou vida, gritando ordens e chamando uns aos outros. Ismae apontou novamente, dessa vez para o oeste. Bom. Ela tinha visto o segundo braço da armadilha. Agora eu só podia torcer para que meu alerta não tivesse chegado tarde demais.

Quando o marechal Rieux e seus homens perceberam o que estava acontecendo, deram meia-volta com suas montarias e galoparam outra vez para a cidade. A duquesa e seu grupo se moveram para entrar em nova formação, mas ainda não tinham deixado o campo.

Fujam! A palavra pulsava freneticamente contra meu peito, mas eu não ousava pronunciá-la, temendo que, apesar de estar naquela torre isolada, alguém pudesse ouvir. Debrucei-me para a frente, agarrando-me à pedra fria e áspera da muralha com tanta força que ela arranhou meus dedos sem luvas.

A primeira linha das tropas de D'Albret entrou em meu campo de visão, com meu meio-irmão Pierre na vanguarda. Então, quando eu estava certa de que era tarde demais, o grupo da duquesa se dividiu em dois, e apenas uma dúzia de seus homens virou as montarias para enfrentar o massacre que se aproximava. Doze contra duzentos. Uma gargalhada me escapou diante da futilidade de suas ações, mas foi levada pelo vento antes que alguém pudesse ouvi-la.

Enquanto a duquesa e dois outros fugiam a galope, Ismae hesitava. Mordí o lábio para não gritar. Ela não podia crer que conseguiria fazer algo por aqueles cavaleiros condenados, podia? A causa deles estava perdida, e nem nossas habilidades podiam ajudar aqueles doze que com tamanha valentia cavalgavam para a própria morte.

– Fuja. – Dessa vez, disse a palavra em voz alta, mas, assim como minha risada, ela foi carregada pelo vento frio cortante e levada para o alto, onde ninguém podia ouvi-la. Nem a pessoa que eu pretendia avisar, nem os que me puniriam pela traição.

Mas talvez algo tivesse levado meu aviso para Ismae mesmo assim, pois ela finalmente virou seu cavalo e galopou atrás da duquesa. A argola de ferro que apertava meus pulmões relaxou um pouco, pois, se já era bem difícil assistir àqueles homens enfrentarem a morte, eu não aguentaria ver Ismae morrer.

Ou pior, ser capturada.

Se isso acontecesse, eu mesmo a mataria em vez de deixá-la para D’Albret, pois ele não lhe ofereceria nenhuma piedade. Não depois de ela ter arruinado seus planos em Guérande e quase tê-lo estripado como um peixe. Ele tivera muitos dias para amolar sua vingança e deixá-la afiada como navalha.

Era tolice minha ficar ali parada. Eu tinha de partir imediatamente enquanto havia chance de não ser descoberta, mas não conseguia afastar os olhos. Como a torrente de um rio cheio, as forças de D’Albret cercaram a guarda da duquesa. O som do impacto foi como trovão enquanto armadura batia contra armadura, piques atravessavam escudos e espadas se cruzavam.

Fiquei impressionada pela ferocidade dos homens da duquesa. Todos lutavam como se estivessem possuídos pelo espírito do próprio Saint Camulos, golpeando seus agressores de um modo parecido a fazendeiros ceifando plantações de grãos. Por algum milagre, eles seguraram a linha que os alcançou, e seus esforços atrasaram as forças de D’Albret por tempo suficiente para que o grupo da duquesa alcançasse a segurança das árvores. A superioridade numérica de D’Albret seria uma vantagem menor se seus homens tivessem de se abaixar e desviar de galhos e samambaias.

Uma trompa soou a leste. Franzi o cenho e olhei nessa direção, temendo que D'Albret tivesse pensado em organizar uma terceira força montada. Mas não, o estandarte branco e preto de Rennes destacava-se contra o céu azul límpido enquanto uma dezena de homens adicionais se juntava à escaramuça. Quando a duquesa e seus homens finalmente desapareceram além do horizonte, eu me permiti respirar fundo pela primeira vez.

Mas, mesmo com a injeção de novas tropas, foi uma derrota arrasadora. Os guardas da duquesa não tiveram chance, não contra tantos. Minha mão coçava por uma arma, mas as facas que carregava não adiantariam nada daquela distância. Uma besta serviria, mas elas são praticamente impossíveis de esconder, e por isso assisti a tudo impotente.

D'Albret tinha planejado apenas uma armadilha – uma investida e uma luta rápida, e depois retornar com o prêmio. Quando percebeu que a vítima havia escapado e que não tinha mais o elemento surpresa, deu sinal para que seus soldados recuassem para trás das muralhas do castelo. Melhor minimizar suas perdas do que desperdiçar mais algum homem naquela jogada fracassada.

A batalha abaixo estava quase terminada. Só um soldado continuava a lutar, um homem grande como um boi que não teve o bom senso de morrer rapidamente como os outros. Seu elmo havia sido arrancado da cabeça, e três flechas perfuravam sua armadura, que estava amassada em uma dezena de lugares. Sua cota de malha estava rasgada, e os cortes por baixo dela sangravam em profusão, mas ainda assim ele lutava com força quase sobre-humana, cambaleando para a frente e para dentro da massa de seus inimigos. *Está tudo bem*, tive vontade de dizer a ele. *Sua jovem duquesa está em segurança. Você pode morrer em paz, e então você também estará em segurança.*

Sua cabeça se ergueu após levar um golpe, e nossos olhos se cruzaram a distância. Eu me perguntei de que cor eles seriam, e com que rapidez se turvariavam quando a Morte o reclamasse.

Então um dos homens de D'Albret se lançou para a frente, golpeou e derrubou o cavalo no qual ele estava montado. Ele deu um grito longo e desesperado ao cair. Então, como formigas apinhando-se sobre um naco

de carne, seus inimigos caíram sobre ele. O grito de morte do homem subiu até o alto da torre e se envolveu em torno de meu coração, chamando-me para me juntar a ele.

Fui tomada por uma onda fervilhante de desejo e senti inveja daquele cavaleiro e do vazio que o chamava. Ele agora estava livre, assim como os abutres que se reuniam e sobrevoavam a cidade. Com que facilidade eles iam e vinham, como voavam alto, longe do perigo. Eu não tinha certeza se podia voltar para minha própria gaiola, uma gaiola feita de mentiras, desconfianças e medo. Uma gaiola tão cheia de escuridão e sombras que podia muito bem ser a morte.

Debrucei-me, projetando meu corpo além das ameias. O vento puxava minha capa, me vergastava, como se pudesse me levar dali voando, tal como as aves ou a alma do cavaleiro. *Solte-se*, gritava ele. *Vou levá-la para muito, muito longe*. Tive vontade de rir com a sensação estimulante. *Vou carregar você*, sussurrava ele, sedutor.

Será que iria doer?, eu me perguntei, olhando para as pedras pontudas abaixo. Será que eu sentiria o momento em que atingisse o chão? Fechei os olhos e me imaginei lançando-me pelo espaço, caindo depressa, caindo na direção de minha morte.

Será que iria funcionar? No convento, as irmãs de Mortain eram tão sovinas com seus conhecimentos de habilidades e técnicas mortais quanto um avaro com seu dinheiro. Eu não entendia completamente todos os poderes que a Morte havia concedido a mim. Além disso, a Morte já havia me rejeitado duas vezes. E se fizesse isso uma terceira vez e eu tivesse de passar o resto da vida quebrada e impotente, para sempre à mercê das pessoas à minha volta? Essa ideia me fez estremecer com violência, e me afastei um passo da muralha.

– Sybella?

Uma nova onda de pânico se inflamou em meu peito, e minha mão agarrou a cruz aninhada entre as dobras de minha saia, pois não era um crucifixo normal, mas uma faca engenhosamente projetada para mim pelo convento. Enquanto me virava, arregalei os olhos como se estivesse excitada e ergui os cantos da boca em um sorriso ousado.

Julian estava parado à porta.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele.

Deixei que meus olhos brilhassem de prazer, como se estivesse feliz por vê-lo em vez de apavorada, depois tornei a virar para as ameias a fim de me recompor. Guardei todos meus pensamentos e sentimentos sinceros profundamente, pois, embora Julian fosse o mais cordial de todos eles, não era nenhum tolo. E sempre soube me interpretar muito bem.

– Vendo a luta. – Tomei cuidado para que minha voz ronronasse de excitação. Pelo menos ele só havia me encontrado depois que eu tinha alertado Ismae.

Ele se juntou a mim na muralha, tão perto que nossos cotovelos se tocaram, e me lançou um olhar irônico de admiração.

– Você quis assistir?

Revirei os olhos em sinal de desprezo.

– Não importa. O pássaro escapou da rede.

Julian afastou o olhar de mim e olhou para o campo pela primeira vez.

– A duquesa escapou?

– Infelizmente.

Ele me lançou outro olhar rápido, mas mantive a expressão de desprezo fixa em meu rosto como um escudo.

– Ele não vai ficar satisfeito – disse Julian.

– Não, não vai. E o resto de nós vai pagar o preço. – Olhei para ele como se só naquele momento tivesse percebido que ele não estava vestido para batalha. – Por que não está no campo com os outros?

– Me mandaram não ir.

Um rápido espasmo de medo apertou meu coração. D’Albret estaria, então, me vigiando tão de perto?

Julian me ofereceu seu braço.

– Precisamos voltar para o salão antes que ele retorne.

Sorri para ele e tomei seu braço, deixando que quase tocasse meu seio. Era o único poder que eu tinha sobre ele, distribuir favores com a frequência certa para que ele não precisasse buscá-los.

Quando chegamos à porta da torre, Julian se virou para a muralha e voltou seu olhar ilegível para mim.

– Não vou contar a ninguém que você estava aqui em cima – disse ele.

Dei de ombros, como se não fizesse nenhuma diferença para mim.
Mesmo assim, temi que ele me fizesse pagar por aquela bondade.

Eu já estava arrependida de não ter saltado quando tive a chance.

Capítulo Dois

ACOMPANHEI O PASSO RÁPIDO de Julian, recusando-me a deixar que minha mente se preocupasse com as possibilidades. Mantive a cabeça erguida, meu desprezo por aqueles ao meu redor nítido em meu rosto. Na verdade, não era fingimento, pois odiava praticamente todo mundo ali, dos cortesãos e criados de D'Albret até os senhores bretões menores sem força moral, que não mostraram resistência quando ele tomou o castelo de sua duquesa para si mesmo. Lacaio covardes e bajuladores, todos eles.

Julian fez uma pausa pouco antes de entrar no grande salão, esperou que um pequeno grupo de vassalos passasse, e então os seguiu para dentro, minimizando as chances de que nossa entrada fosse percebida. Por mais que ficasse grata por ele estar comprometido em guardar meu segredo, não deixava de me perguntar que pagamento ele exigiria por isso.

Dentro do salão, criados silenciosos corriam de um lado para outro, carregando jarros de vinho, atizando o fogo, tentando antecipar todas as necessidades antes que pudessem ser repreendidos ou castigados por não atendê-las com rapidez suficiente. Havia pequenos grupos de pessoas espalhados por todo o salão conversando furtivamente entre si. Sem dúvida, já haviam sido informados de que o plano de D'Albret tinha falhado e ele não iria retornar em triunfo.

A única pessoa no salão que não tinha o bom senso de se envolver em cautela era o idiota do marechal Rieux. Ele caminhava de um lado para o outro em frente à lareira, reclamando com madame Dinan que D'Albret havia arruinado sua honra ao lançar uma armadilha sob a ban-

deira de trégua de Rieux. Era a última pessoa que devia falar de honra, pois tinha sido o tutor e guardião da duquesa até o dia em que a traiu e juntou forças com D'Albret, certo de que seus poderes combinados poderiam convencer a jovem duquesa de que ela não tinha escolha além de fazer o que eles desejavam.

Mas ela surpreendeu a todos.

Houve um ruído ensurdecedor de cascos no pátio quando os homens voltaram, seguido pelo som do caos da soldadesca, o retinir de armas jogadas, o ranger de couro, o clangor de malha e armadura. Normalmente, havia gritos de vitória e risos altos, mas não naquele dia. Naquele dia, os homens estavam assustadoramente silenciosos.

A porta se abriu com uma pancada surda. Passos pesados e rápidos atravessaram o salão acompanhados pelo tilintar de esporas. Todo o aposento, até Rieux, ficou em silêncio enquanto esperávamos a tempestade que se aproximava. Os criados procuravam se esconder, e alguns vassalos mais covardes encontraram desculpas para deixar o salão.

O desejo de estar em outro lugar era avassalador. Tive de me segurar para manter os pés ancorados no chão e não virar para trás e sair correndo de volta escada acima na direção da segurança dos aposentos superiores. Mas minha própria culpa exigia que eu ficasse e mostrasse a D'Albret que não tinha nada a esconder. Em vez de fugir como desejava, eu me inclinei para perto do ouvido de Julian.

– Acha que madame Dinan e o marechal Rieux são amantes?

Apesar de Julian ter sorrido, achando graça, ele também deu um aperto reconfortante em meu braço. Franzi a testa, irritada, e afastei meu braço do dele. Ele me conhecia muito bem. Bem demais.

E então a força da presença de D'Albret caiu sobre nós, redemoinhando no salão com todo o calor e destruição de um incêndio incontrolável, acompanhada do fedor de sangue e lama e suor. Seu rosto estava branco de fúria, tornando sua barba ainda mais sobrenaturalmente negra. Logo atrás dele vinha seu principal capanga, Bertrand de Lur, capitão da guarda, seguido por uma dezena de lordes e vassalos. Dois deles, os barões Julliers e Vienne, eram homens da própria duquesa, mas estavam tão ávidos por provar sua lealdade a D'Albret que concordaram em cavalgar

com ele naquela armadilha, apesar de saberem muito bem o que ele tinha em mente para sua suserana.

Foi, portanto, uma grande alegria ver que Mortain tinha marcado os dois para morrer – cada um tinha uma mancha sombria na fronte. Com isso e a fuga da duquesa, meu dia não tinha sido tão ruim.

– Por que está sorrindo? – perguntou Julian.

Afastei meu olhar dos dois homens.

– Porque isso deve se revelar muito divertido – murmurei, pouco antes de a voz de D’Albret estalar pelo salão como um chicote.

– Ponham homens em todas as torres. Vejam se há alguém aqui que não deveria estar. Se alguém mandou um alerta, provavelmente foi da torre norte.

Apertei as costas contra a parede e desejei que as freiras nos tivessem ensinado um encantamento para invocar a invisibilidade.

– Tragam-me Pierre! – prosseguiu D’Albret. – Seu ataque a partir do portão oeste devia ter partido mais cedo. Sua preguiça pode muito bem ter me custado meu prêmio. – Ele estendeu as mãos, e um escudeiro correu e removeu sua manopla direita. Antes que o garoto pudesse retirar a esquerda, D’Albret virou para gritar outra ordem. O escudeiro saltou para trás, fora de alcance, e esperou cheio de cautela, com medo de se aproximar, mas com ainda mais medo de não estar perto quando necessário. – Também quero um destacamento de homens para sair atrás da duquesa e me informar de seus movimentos e das forças que a estão protegendo. Se surgir uma oportunidade de capturá-la, façam isso. Qualquer homem que a trouxer para mim será ricamente recompensado.

Enquanto De Lur repetia as ordens para seus homens, um segundo escudeiro se aproximou, pronto para botar um cálice de vinho na mão de D’Albret antes que ele tivesse de pedir. Sem olhar, D’Albret o pegou, então todos nós esperamos incomodados enquanto ele saciava sua sede. Madame Dinan se aproximou, como se quisesse acalmá-lo, mas mudou de ideia.

O conde secou o cálice, olhou para ele por um longo momento, então o jogou na lareira. O estilhaçar violento do cristal ecoou no salão silencioso. Lentamente, ele se voltou para o salão, manejando o silêncio com

tanta habilidade e astúcia quanto fazia com sua espada, deixando que crescesse até ficar mais tenso que uma pele de tambor.

– Como os soldados de Rennes conseguiram chegar bem naquele momento, hein? – Sua voz era enganadoramente suave e muito mais assustadora que seus gritos. – Como isso foi possível? Será que temos um traidor entre nós?

O salão estava em silêncio, cada um de nós sabendo que não devia responder a essa pergunta. Sabíamos que havia vários traidores entre nós, mas era muito fácil trair uma menina. Se algum deles tinha ousado trair D’Albret era outra questão.

O marechal Rieux cerrou os punhos e deu um passo na direção de D’Albret. Dinan tentou impedi-lo, mas ele foi rápido demais. *Mon Dieu*, ou era o homem mais corajoso que eu já tinha visto ou o mais tolo.

– Como você pode ter um traidor quando ninguém sabia de seus planos? – perguntou Rieux.

O olhar de D’Albret passou rapidamente pelos punhos cerrados de Rieux.

– Foi uma decisão de último minuto.

– Mesmo assim, eu deveria ter sido informado. Dei minha palavra à duquesa de que ela teria toda a segurança para negociar. – *Merde*. Será que o idiota não percebia as areias de sua vida escorrendo pela ampulheta ao provocar D’Albret?

D’Albret voltou toda sua atenção para Rieux. Ao meu lado, Julian ficou tenso.

– Foi exatamente por isso que não lhe contamos. Você tinha dado sua palavra e teria reclamado e chiado como uma velha.

Rieux não disse nada. Eu não sabia se era por ter ficado surpreso com a resposta de D’Albret ou por finalmente ter percebido o risco que corria.

– Além disso – a voz de D’Albret assumiu um tom de escárnio –, veja como seus argumentos a convenceram. Só um comandante fraco teria apenas uma tática para vencer uma guerra. – Então, mais rápido do que mercúrio, a expressão de D’Albret mudou, e não era mais de mero desdém, mas terrível. – Você não soube desse plano e a alertou, certo? Para proteger sua honra?

Rieux recuou. O que quer que tivesse visto nos olhos de D'Albret finalmente o fez hesitar.

– Não – disse, monossilábico.

D'Albret manteve o olhar fixo nele por mais um longo instante antes de virar novamente para o salão.

– Como a guarnição de Rennes veio em seu resgate? Por que agora? Por que hoje, a essa hora? – Os olhos do conde brilhavam perigosamente. – A única explicação é que temos um traidor entre nós.

Pelo menos a chegada das tropas de Rennes o distraía da torre norte. Por enquanto.

– A duquesa e Dunois trouxeram notícias dos franceses – Rieux mudou abruptamente de assunto.

D'Albret inclinou a cabeça e aguardou.

– Disseram que os franceses cruzaram a fronteira da Bretanha e tomaram três cidades, entre elas Ancenis.

Ancenis era o domínio do próprio marechal Rieux. D'Albret apertou os lábios, estudando o marechal.

– Sem dúvida Dunois desejava distraí-lo. – D'Albret chamou De Lur. – Mande um grupo de batedores para confirmar essa informação.

De Lur assentiu com a cabeça, mas, antes que pudesse dar a ordem, D'Albret passou instruções adicionais.

– Depois de fazer isso, interrogue os homens. Veja se algum deles partiu para Rennes na semana passada. Se algum foi, assim que voltar, não deixe de trazê-lo para mim para que eu possa interrogá-lo.

Os cavaleiros ficaram em silêncio, alguns empalidecendo, pois os métodos de interrogatório usados por D'Albret eram pesadelos bem conhecidos. De Lur fez uma rápida reverência, em seguida foi cumprir as ordens de seu senhor. Quando se dirigia para fora do salão, olhou para mim e piscou. Fingi não ver. Em vez disso, concentrei-me em meu irmão Pierre enquanto ele passava pelo capitão que estava de saída. Tinha o elmo embaixo do braço, o queixo erguido e uma expressão feia no rosto. A cicatriz branca que atravessava sua sobrancelha esquerda destacava-se como uma marca.

– O que aconteceu? – perguntou, tirando as luvas. – Como ela escapou?

D'Albret ergueu bruscamente a cabeça.

– Você se atrasou com seus homens.

A acusação fez Pierre parar imediatamente, e a torrente de emoções conflituosas que passou por seu rosto teria sido engraçada se a situação não fosse tão sinistra.

– Fomos retardados por cidadãos que tentaram bloquear os portões para evitar que nos juntássemos ao senhor no campo.

D'Albret o estudou por um bom tempo, tentando ver se ele estava mentindo.

– Você devia tê-los matado.

– Foi o que fiz – disse Pierre, sua boca carnuda inchada.

– Pois devia tê-los matado mais rápido – murmurou D'Albret, e um riso amargo quase escapou de minha garganta. Meu irmão não tinha matado rápido o suficiente para ele. No fim, entretanto, D'Albret balançou bruscamente a cabeça, o que era o mais perto que ele chegava de um elogio.

Uma confusão rompeu o momento tenso quando soldados retornaram conduzindo meia dúzia de homens para o interior do salão, nada além de reles criados, pelo aspecto deles.

D'Albret tamborilou o indicador sobre os lábios.

– Eles foram encontrados na torre?

De Lur chutou um dos homens, que não estava submisso o suficiente para seu gosto.

– Não, mas não estavam de serviço, e não têm testemunhas para dizer onde se encontravam durante o ataque.

D'Albret inclinou a cabeça como um abutre curioso. Ele se aproximou lentamente do pequeno grupo de criados da duquesa.

– Vocês são homens tão leais assim? – perguntou ele, sua voz tão suave e delicada como o veludo mais fino.

Quando ninguém respondeu, ele sorriu. Aquilo me deu um calafrio na espinha.

– Podem me contar, pois sou grande admirador da lealdade.

O mais velho deles fazia o possível para se manter de pé, mas era claro que tinha sido surrado e sua perna não estava funcionando direito.

– Sim, milorde – disse ele com orgulho. – Nós servimos a nossa duquesa desde o momento em que ela nasceu, e não temos intenção de parar agora.

– Os franceses não conseguiram comprá-lo com seu ouro?

Fechei os olhos e rezei rapidamente para que o velho tolo tomasse cuidado com suas próximas palavras e pensasse na própria segurança, mas ele estava preocupado demais com sua honra.

– Nós não, milorde.

D’Albret se aproximou. Seu corpo grande assomou sobre o homem, seu olhar examinando o grupo.

– Qual de vocês soube de nosso comitê surpresa de recepção e saiu para avisar a duquesa?

– Nenhum de nós sabia – disse o homem de idade, e comecei a soltar um suspiro de alívio. Mas o tolo ainda estava eufórico com sua lealdade e acrescentou: – Mas a teríamos avisado, se soubéssemos.

Irritado, D’Albret olhou para Pierre.

– Como deixamos passar este aqui?

Meu irmão deu de ombros.

– Nem as melhores ratoeiras pegam todos os ratos na primeira vez, milorde.

Sem dizer palavra ou aviso, D’Albret recuou a mão com a manopla de aço e deu um tapa no rosto do homem. O pescoço do criado foi jogado para trás com um estalo audível. Julian apertou minha mão com força, alertando-me para ficar quieta e imóvel. E, apesar de eu querer voar para cima de D’Albret, não me mexi. Do mesmo modo como aquele último cavaleiro valente manteve sua posição, eu também tinha de manter a minha. Como serva da Morte, eu devia estar pronta para atacar quando chegasse a hora. Especialmente agora, quando a traição aberta de D’Albret certamente teria lhe garantido a marca que eu estava esperando ver há seis longos meses.

Além disso, o velho estava morto. Minha raiva não lhe adiantaria nada. Murmurei uma oração por sua alma liberta. Era o mínimo que podia fazer, apesar de não ser nem de perto o suficiente.

O marechal Rieux se aproximou com uma expressão de ultraje no rosto, mas, antes que pudesse falar, D’Albret grunhiu:

– Eu poupei suas vidas desgraçadas. – Sua voz reverberou pelo salão como trovão, e os outros criados finalmente tiveram o bom senso de se encolher de medo. – E é assim que vocês me pagam? – Houve um retinir de aço quando ele sacou sua espada. Meu estômago se apertou em um nó e tentou sair pela minha garganta, mas antes que eu pudesse dar um grito de alerta, a espada cortou através dos homens amontoados. Sangue se espalhou por todo o chão, então um segundo golpe despachou o restante.

Nem percebi ter dado um passo à frente até sentir o braço de Julian envolver minha cintura e me segurar no lugar.

– Cuidado – murmurou ele.

Fechei os olhos e esperei que o embrulho em meu estômago passasse. Julian me cutucou, e meus olhos se abriram rápido, uma expressão cuidadosamente neutra em meu rosto. O olhar ardiloso de D’Albret estava sobre nós, e dei um leve sorriso, como se um pouco divertida com a carnificina que ele acabara de cometer.

– Tolos – murmurei. Era uma boa coisa eu não ter mais coração, porque, se tivesse, com certeza ele iria se partir.

– Julian! – chamou D’Albret, e senti Julian estremecer. Ele se afastou de mim.

– Sim, senhor meu pai?

– Cuide da limpeza aqui. E você, filha. – Os olhos negros e duros de D’Albret se fixaram em mim e me obriguei a olhar dentro deles com nada além de diversão no rosto. – Cuide de madame Dinan. Acho que ela desmaiou.

Quando me afastei da segurança da parede de pedra para fazer o que meu pai me ordenara, tornei a desejar, com muita força, que Julian não tivesse me encontrado no alto daquela torre. Se nosso pai descobrisse o que eu havia feito, iria me matar com a mesma facilidade com que tinha matado aqueles homens.

Embora, talvez, não tão depressa.